PROBLEMATA
International Journal of Philosophy

Problemata - Revista Internacional de Filosofia
v. 17. n. 3 (2026), p. 107-127 ISSN 2236-8612
doi:10.7443/problemata.v17i3.77708

OS ACORDES DA DIALÉTICA NEGATIVA E A METODOLOGIA PARATÁTICA: POR UMA EPISTEMOLOGIA DO NÃO-IDÊNTICO[1]

THE CHORDS OF NEGATIVE DIALECTICS AND PARATACTIC METHODOLOGY: TOWARD AN EPISTEMOLOGY OF THE NON-IDENTICAL

Francisco Atualpa Ribeiro Filho[2]

Resumo:

Este estudo tem como objetivo analisar a perspectiva de Theodor W. Adorno acerca de sua metodologia paratática, entendida como expressão de seu pensamento dialético negativo, tendo Hegel como principal interlocutor e adversário teórico. A investigação percorre, em um primeiro momento, as distinções entre teoria crítica e teoria tradicional, a fim de contextualizar o surgimento e a efervescência dos acordes da dialética negativa adorniana. Nesse sentido, busca-se evidenciar as fissuras da dialética identificadora hegeliana e, simultaneamente, destacar os acordes dissidentes propostos por Adorno em seu pensamento constelar, entre eles: o princípio da não-identidade, o aprisionamento do objeto nas malhas subjetivas, a negatividade como impulso crítico, a constelação como forma cognitiva e estética, e o duplo sentido do conceito enquanto expressão da ideia de constelação. A pesquisa adota como método a dialética negativa, tendo o parataxismo como eixo propulsor no confronto com a perspectiva hegeliana. Por fim, examina-se a relação entre a metodologia paratática e a literatura como manifestação do não-conceitual, destacando a relevância da solidariedade e da empatia transgressiva na prática docente, capazes de devolver ao ensino de filosofia e à experiência do pensamento o direito à incerteza, à imaginação e à emancipação crítica.

Palavras-chave: Adorno; dialética negativa; parataxe; não-identidade

Abstract:

This study aims to analyze Theodor W. Adorno's perspective on his paratactic methodology as an expression of his negative dialectical thought, having Hegel as his main interlocutor and theoretical adversary. The investigation first explores the distinctions between critical theory and traditional theory to contextualize the emergence and resonance of the chords of Adorno's negative dialectics. In this sense, the study seeks to reveal the fissures of Hegel's identifying dialectic while highlighting the dissident chords proposed by Adorno in his constellational thought, namely: the principle of non-identity, the imprisonment of the object within subjective frameworks, negativity as a critical impulse, the constellation as a cognitive and aesthetic form, and the dual meaning of the concept as an expression of the constellational idea. The research adopts the negative dialectic as its methodological foundation, with parataxism serving as the driving axis in the confrontation with Hegelian thought. Finally, it examines the relationship between the paratactic methodology and literature as an expression of the non-conceptual, emphasizing solidarity and transgressive empathy within classroom practice, as ways to restore to philosophy teaching and to the experience of thought the right to uncertainty, imagination, and critical emancipation.

Keywords: Adorno; Negative dialectics; Parataxis; Non-identity

[1] Este estudo foi inspirado na Pesquisa de Mestrado em Filosofia, tendo como título: *As manifestações da barbárie no ambiente escolar: o encontro entre a educação emancipadora de Theodor Adorno e a literatura transgressora de Georges Bataille como práxis filosófico-literária*.

[2] Mestre em Filosofia (UFPI). E-mail: farf25@gmail.com, Lattes: http://lattes.cnpq.br/1491096614911103

Introdução

A rítmica sinfônica pode designar o equilíbrio entre vários elementos. Quando existe determinada harmonia de cores ou de quaisquer tonalidades, pode-se falar que sua composição orquestral tem intervalos precisos. No estilo clássico a sinfonia possui três movimentos sendo que o segundo sempre é lento e fraco. Nesse sentido, o método dialético negativo[3] pode ser comparado a uma sinfonia, cujos temas versam sobre a negação do primado do sujeito na história da filosofia e seus veredictos conceituais monocráticos. Com isso, os acordes da dialética negativa são isentos de conciliação ou recapitulação, como é comum na estrutura clássica, isto é, os temas se relacionam de forma tensional e recíproca. A dialética negativa não destaca ou reconhece acordes como condutores da rítmica do pensamento. Assim, não há na sinfonia de Theodor Adorno (vida-morte) elementos cambiáveis para designar a combinação harmônica que é composta por períodos múltiplos e sem vitória temática, na sonata adorniana haverá momentos intensos e paradoxais.

A Dialética Negativa objetiva desvencilhar a filosofia das mordaças da dialética platônica que por séculos hasteou a razão como motor da história, cuja pretensão era conceder ao homem a posição de senhor. Desse modo, a crítica de Adorno à dialética percorre desde sua gênese com Platão à dialética proletária de Karl Marx (1818-1883). Discute ainda com Immanuel Kant (1724-1804), Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), Max Weber (1864-1892), Martin Heidegger (1889-1976), Edmund Husserl (1859-1978), dentre outros. Por isso, cabe refletir à luz da Teoria Crítica sobre o que Adorno entende por dialética e suas contribuições práticas na constituição de uma metodologia em educação emancipatória, tendo como acordes basilares: crítica à redução do não-idêntico ao idêntico e ao primado do sujeito sobre o objeto, o duplo sentido do conceito e o pensamento em constelação.

A "Dialética Negativa" (2009) pode ser considerada o elo fundamental para entender a filosofia de Adorno, uma vez que simboliza a afirmação do antissistema que se opõe à onipotência do conceito, que busca reduzir a totalidade à unidade de um conceito. Esta perspectiva desafia a tendência histórica da filosofia de tentar condensar a realidade em um conceito único e inalterável, sugerindo, ao invés disso, uma dinâmica que aprecia a complexidade e a contradição, desafiando as simplificações conceituais que procuram estruturar o todo. Sendo assim, a metodologia paratática visa promover uma visão dinâmica e plural, haja vista sua crítica ao sistema científico que incorpora a redução do objeto de pesquisa às estruturas subjetivas.

O estudo se baseia na análise de Adorno à dialética de Hegel, tendo como premissa principal a negação e subversão da tradição filosófica. No primeiro momento, procurou-se situar a discussão no cenário teórico, enfatizando as diferenças entre a teoria tradicional e a teoria crítica. Com base nisso, emergem as linhas da dialética negativa, questionando e desmontando a visão vertical da filosofia de Hegel. A ideia de constelação e o duplo sentido do conceito se tornam elementos relevantes na elaboração desta crítica, sinalizando uma oposição à tentativa de aprisionar a antítese nas restrições dos argumentos sintéticos. Portanto, a literatura assume uma dimensão que subverte o conceito, rejeitando a

[3] Usa-se o termo dialética negativa para fazer referência ao método e Dialética Negativa quando aludirmos a obra.

identidade absoluta, algo que a dialética positiva abandonou ao longo da tradição filosófica.

A abordagem utilizada nesta pesquisa é bibliográfica e dialética, como estabelecido por autores como Adorno (2009) e Pucci (2020), que destacam a dialética negativa como um método de pesquisa contemporâneo e pertinente para campos como a educação. A abordagem dialética aqui procura compreender o conhecimento como um processo aberto e contraditório, sem a intenção de concluir ou simplificar a complexidade da realidade a uma única fórmula. Ao fazer essa incursão teórica, a pesquisa se fundamenta nas análises de Leopoldo e Silva (1998), que enfatizam a crítica à razão instrumental e à simplificação do saber, dentre outros autores que reforçam a crítica ao sistema hegeliano.

Teoria tradicional e teoria crítica: algumas considerações

Os empreendedores do mundo administrado recorrem a práxis como estratégia para aniquilarem ou impedirem o pensamento crítico do qual necessita aquela *práxis* transformadora. O resultado dessas mudanças e suas interpretações direcionaram à (in)evolução nuclear ou até os testes químicos em seres humanos, tudo isso em nome do progresso. A urgência em transformar o real é tão pulsante que "o instante do qual depende a crítica da teoria não se deixa prolongar teoricamente", sendo este "o pretexto para que os executores estrangulem como vão o pensamento crítico do qual carecia a práxis transformadora" (Adorno, 2009, p. 11). Depois da disseminação da teoria maxiana houve o declínio da filosofia à sua origem. Nesse sentido, a reflexão filosófica negligencia sua natureza ao compactuar com a sociedade moderna e tenta racionalmente dominar o real por meio de hipóstases e categorias cristalizadas. A filosofia deve assumir as consequências e questionar sua função ou finalidade. É necessário desembutir o pensamento de seus dogmas para assim, conceder chance ao filosofar.

O percurso histórico desenfreado da ciência em sua busca pelo domínio da natureza e diante da necessidade do progresso mostrou em todos os setores sociais ineficaz. Somente através de um método dialético negativo é possível compreender como o colonizador passou a ser escravo mediado por suas próprias operações lógicas que associam emancipação e dominação. O antagonismo entre a mitologia e ciência percebe-se como apavorante, pois a racionalidade perde sua lucidez ao confiar demasiadamente em si, concebendo por meio da evolução científica a barbárie e a coisificação como meros exemplares da história.

Para Leopoldo e Silva (1997, p. 27) *Auschwitz* mostrou que a razão instrumental alastrou o câncer da calamidade e "se considerarmos a vinculação, entre os processos de desautonomização individual e de dissolução ética na esfera da sociabilidade, teremos uma visão razoavelmente nítida do elemento autofágico inscrito no processo civilizatório: a ambivalência do terror como repressão e proteção" confere ao homem civilizado na posição de algoz carta branca para matar.

Adorno e Horkheimer (1985, p. 42) chamam atenção para o movimento cíclico que "o eu integralmente capturado pela civilização se reduz a um elemento dessa inumanidade, a qual a civilização desde o seu início procurou escapar". O homem esclarecido, devoto da teoria tradicional, ao tentar aprisionar o homem natural não se deu conta que estava utilizando os mesmos artifícios primitivos e regressivos em sua empreitada. Thomson (2010, p. 144) argumenta que Adorno vê na sociedade como "a continuação da ideia hobbesiana da natureza como guerra de

todos contra todos. O raciocínio dá ao homem uma vantagem competitiva sobre os outros animais como uma extensão do instinto de autopreservação do homem". Por isso, a razão decai diante do fracasso de dominar sua condição natural e adapta-se para sobreviver. Adorno nega qualquer tentativa simplista de solucionar a dicotomia entre homem-natureza como os idealistas insistiram na ideia de uma reconciliação totalizadora.

A crítica, para Adorno e Horkheimer (1985, p. 13), consiste em colocar em xeque qualquer juízo sobre a realidade frente ao questionamento, possuindo a autorreflexividade como princípio, pois "a liberdade na sociedade é inseparável do pensamento esclarecedor. Se o esclarecimento não acolhe dentro de si a reflexão sobre" elementos regressivos como a barbárie fruto do próprio progresso "ele está selando seu próprio destino". Os frankfurtianos investigam os aspectos nevrálgicos da Teoria Tradicional, cujo movimento de coisificação dos fenômenos sociais independem do homem, pois os fatos são tratados como dados amorfos, ahistóricos e insubordinados. Assim, na perspectiva crítica rejeita-se a superficialidade dos dados e uma obediência cega da razão diante do imediatismo positivista para por meio do encontro entre filosofia e literatura para compor caminhos que repensem a condição humana.

A concepção metodológica adorniana conflui com sua crítica ao idealismo. Fred Rush (2008, p. 60) destaca que "Adorno molda sua explicação da tarefa da Teoria Crítica em torno do problema do legado do idealismo. A concepção inicial de Adorno sobre Teoria Crítica é mais bem percebida na aula 'A atualidade da filosofia'" publicada em 1931. A Teoria Crítica não é mera especulação, encontrando na dialética um método fragmentário, em conformidade com o dado e alheio ao objeto de estudo, mas consiste na crítica responsável, comprometida e sensível às singularidades dos objetos que estudam em face do meio em que estão inseridos. Adorno, "chama de 'dialética negativa' o pensamento sobre a sistematicidade dos objetos do pensamento social e filosófico, segundo os modelos das obras de arte e argumenta por uma dialética aberta, na qual o ceticismo sobre a estabilidade de qualquer sistema está sempre presente" (Rush, 2008, p. 66). Somente por meio da crítica autorreflexiva será possível compreender a lógica das contradições e antagonismos oriundos da dinâmica histórica.

A Teoria Tradicional baseia-se na operacionalização linear do pensamento, buscando cumprir a lógica causa-efeito dos fatos, sendo exequível de modo isomórfico e homogêneo. Em contraposição à Teoria Crítica tem-se o positivismo empirista, a lógica popperiana e seus métodos indutivistas e dedutivistas de análise da realidade. Nesse sentido, a dialética compõe a realidade, ou seja, imiscui-se ao processo de construção do conhecimento. A Teoria Crítica é antagônica à teoria aristotélico-tomista, a qual se fundamenta no princípio da não contradição e da identidade, e propõe uma "racionalidade do sempre igual" (Adorno, 1995, p. 203). Para Adorno a parte compõe o todo e o forma, que não pode ser sem suas partes, porém, suas partes possuem movimentos coordenados na totalidade, mesma que se reduzam a ela. Assim, a Teoria Crítica concebe a totalidade como práxis social. Tal princípio norteia o processo dialético para destronar o programa dedutivista, opondo-se, com isso, à lógica reducionista, unitária e meramente factível da dialética idealista para instituir a práxis emancipatória mediante o uso consciente da teoria amparada por antagonismos históricos.

Pode-se perceber que a dialética de Hegel é entendida como adaptação recíproca entre objeto e conceito, porém ao constatar incongruências no processo

epistemológico de busca da verdade, o objeto é compreendido sob a perspectiva do outro, isto é, do que é inferido sobre ele. A intenção do conceito consiste em possuir unitariamente todas as nuances do objeto, entretanto, caso haja interferências seja por limitações da linguagem, seja por fatores emocionais, a estratégia fracassa. Diante disso, Robert Sinnerbrink (2017, p. 143) elucida que enquanto na dialética idealista "todas as ambiguidades e contingências – o aspecto da não identidade – inerentes a nossa experiência social de ser reconhecido e refletida na forma de pensamento conceitual", cabe à dialética negativa evitar a reedificação deste conhecimento, isto é, a "subordinação conceitual do não idêntico". Não basta simplesmente recomeçar ou partir das discrepâncias processuais da dialética positiva platônico-hegeliana, pois, o risco de reincidir em antigos erros, ou ainda, pode-se propor uma mediação satisfatória a ambos (conceito e objeto) para, enfim, obter a inteireza do objeto. Ao tragar a realidade sob a perspectiva conceitual identitária, Hegel cicatriza o que não faz parte da orbita conceitual, por considerá-lo uma doença ao sistema. Adorno, por sua vez, observa essa fissura epistemológica e a desvela para proporcionar ao ser obliterado e não-classificável seu espaço.

No holismo hegeliano repousam todas as relações, e estas devem seguir critérios lógicos apodíticos para conferir credibilidade e significância ao todo. A novidade dos objetos particulares surge como aberrações, por isso, são denominados como inominável, indiferente, incompreendido e inumano. Dessa forma, o percurso ao saber é exposto na obra "Fenomenologia do Espírito" de 1807, expressão totalizadora do hegelianismo. Por conseguinte, o que não promove o saber, de acordo com as instâncias do espírito absoluto, ou seja, o que é transloucado e inflexível às prerrogativas discursivas necessárias e não contribui com a composição do saber passa a ser maculado como elaborações falaciosas do objeto.

Adorno salienta a necessidade da insistência de uma teoria transgressora e negativa que se oponha aos ditames modulares determinantes. Entretanto, "o mundo torna-se o caos, e a síntese, a salvação. Todas as figuras míticas podem se reduzir, segundo o esclarecimento, ao mesmo denominador, a saber, ao sujeito" (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 21-22). O desastre está contido na síntese, expressão da Teoria Tradicional que consiste no pensamento movido pela homogeneização, cuja síntese boicota a criatividade e as nuances da antítese que sucumbe diante da tensão com a tese. Tal colisão pode iluminar, porém esse brilho excessivo e radioativo queima, ofusca, cega a contradição e suas particularidades. Ao dizer que a dialética destila seu processo em ações violentas consiste em assumir o caráter não justificável da dor, do preconceito e da agressividade, pois, seria absurdo extrair ou promover qualquer esforço de encontrar justificativas semelhantes na história para provar a necessidade da repetição da barbárie.

A dialética negativa, tendo como armadura a Teoria Crítica, transgride e ataca, sem concessões, a tradição que, desde Platão, valida, promove e estabelece o pensamento positivo. Adorno (2009, p. 07) elucida que seu estudo "gostaria de libertar a dialética de tal natureza afirmativa, sem perder nada em determinação" e, "de acordo com a teoria da dialética negativa, não existe nenhuma continuidade entre aqueles trabalhos e este". Essa postura busca criticar o primado tirânico do conceito e reaver aquilo que o princípio da unidade excluiu. Dessa forma, ao assumir autoconfiança em seu trabalho, a missão do pesquisador consiste na "tarefa de romper, com a força do sujeito, o engodo de uma subjetividade constitutiva. Nesse caso, um dos motivos determinantes foi a tentativa de superar

de maneira acurada a distinção oficial entre filosofia pura e o elemento coisal ou científico-formal" (Adorno, 2009, p. 08). Com isso, as pesquisas devem combater o essencialismo, isto é, a pressuposição de que os envolvidos possuam uma arquitetura completa para receber instruções é infundada.

Perius (2008, p. 117-118) pontua que a dialética muda seu movimento de forma substancial, "a filosofia de Adorno é, fundamentalmente, uma crítica imanente ao idealismo e, ao mesmo tempo uma tentativa de continuar pensando dialeticamente sem submeter o pensamento ao sistema, desaparece, dessa forma, a ideia de sujeito separado do objeto". Hegel veste o objeto com trajes subjetivos, faz desaparecer qualquer tensão, porém na dialética negativa preserva o contraditório entre sujeito e objeto. A teoria adorniana não busca suplantar o método cartesiano ou idealista, pois, ocorreria no mesmo erro desses sistemas em negligenciar o individual em detrimento do todo. Todavia, esse método dialético é um atentado crítico ao pensamento tradicional e ao modo ingênuo como este se desenvolveu ou até mesmo combateu a própria tradição. Assim, Adorno constata que ao propor a crítica ao método hegeliano, Heidegger e Husserl somente endossaram o espírito absoluto, pois tentaram transformar o pensamento utilizando a mesma metodologia que outrora criticaram.

Os acordes da dialética negativa

O primeiro acorde versa sobre o princípio da não-identidade, de tal modo que constitui o núcleo do processo dialético negativo adorniano, no qual, ao assumir uma ruptura contra as categorias conceituais determinadas pelos sistemas idealistas, aponta através do não-idêntico um novo modelo para a libertação do objeto da compulsão do sujeito em identificar. Nessa perspectiva, Adorno não substitui o método, mas denuncia a reificação conceitual do sistema hegeliano. Dessa forma, a confiança de que o conceito de identidade consegue envolver toda a realidade empírica é o fundamento da crítica de Adorno à tradição filosófica, de maneira pontual à teoria hegeliana.

Com a integração do empírico ao nível conceitual, o conhecimento alcança sua realização e para que isso ocorra é necessário sintetizar a pluralidade aos moldes unitários do método. A absolutização conceitual de Hegel reduz com violência o mundo ao campo de visão do sistema totalizador. Diante disso, o método aristotélico-escolástico preconiza a *adequatio rei et intellectus* (conformidade da coisa com o intelecto), isto é, da verdade que dominou a tradição e garantiu ao intelecto submissão da realidade por meio do conceito. O alvo das críticas na dialética adorniana versa sobre o desvelamento do idêntico, cuja intenção é mostrar como a *adequatio* conduziu a verdade e constitui o princípio da identidade de Hegel, no qual o platonismo é o protótipo. Adorno vê a doutrina das ideias de Platão sendo aperfeiçoada por Hegel. Em outras palavras:

> Com base em sua situação histórica, a filosofia tem o seu interesse verdadeiro voltado para o âmbito em relação ao qual Hegel, em sintonia com a tradição, expressou o seu desinteresse: o âmbito do não-conceitual, do individual e particular; aquilo que desde Platão foi alijado como perecível e insignificante e sobre o que Hegel colou a etiqueta de existência pueril. O tema da filosofia apontaria para as qualidades por ela degradadas como contingentes e transformadas em quantidade negligenciável (Adorno, 2009, p. 15).

Adorno assinala que Hegel concebe o conceito como uma entidade

inquebrantável, e, com isso, não reconhece sua limitação diante do estranho. Embora Hegel não reconheça o não-idêntico e busque constantemente sua identificação no pensamento, deve-se assumir a permanência do anormal e do contraditório não obstante o pensamento puro. A dialética assume caráter aporético e negativo, ou seja, frente ao pensamento "os objetos não se dissolvem em seus conceitos, entram por fim em contradição com a norma tradicional da adaequatio" (Adorno, 2009, p. 12). No entanto, Hegel apropria-se da universalização linguística e exclui qualquer experiência imediata por encará-la como não-verdadeira e não se adequar ao discurso lógico.

Esse argumento conduz ao segundo acorde que consiste no aprisionamento do objeto nas malhas subjetivas. Desse modo, o conhecimento do objeto condiciona-se ao ritmo relacional entre os elementos reconhecidos pelo princípio de identidade; o objeto é aquilo que o sujeito do saber decide que ele deve ser. Adorno critica a postura universal de Hegel na medida em que este aborda o conceito como detentor do pensamento, contudo o objeto não se limita ao que se pensa dele. Por isso, o objeto não é totalmente descaracterizado ou subtraído pelas estruturas intelectuais puras do sujeito, sobrevivem germes objetivos durante o percurso dialético.

A dialética negativa encontra-se no movimento tensional entre a teoria e a experiência espiritual, onde a primeira não possui nenhum domínio sobre aquilo que escapa de sua sedução. Nesse sentido, possibilita à experiência espiritual uma relação recíproca com o objeto sem vínculo hierárquico ou resistindo aos padrões hegemônicos. Adorno reavalia a capacidade de conhecer do indivíduo, sendo a crítica mútua, a consciência não reguladora e o pensamento livre das tonalidades de uma postura eminentemente dialética, sem subjugar-se há requisitos normativos e categoriais estipulados por esquemas convencionais. Nas palavras de Adorno (2009, p. 34-35):

> A teoria e a experiência espiritual carecem de seu efeito recíproco. Aquela não tem respostas para tudo, mas reage ao mundo falso até o seu ponto mais íntimo. A teoria não possui nenhuma jurisdição sobre aquilo que se subtrai a seu encantamento. Ela visa a um duplo modo de comportamento: aquele que vem do interior, o processo imanente, o comportamento propriamente dialético; e um comportamento livre, que vem à tona como que a partir da dialética, sem vinculação. Todavia, os dois não são apenas incongruentes. O pensamento não-regulamentado possui uma finalidade eletiva com a dialética que, enquanto crítica ao sistema, lembra aquilo que estaria fora do sistema; e a força que libera o movimento dialético no conhecimento é aquela que se erige contra o sistema. Essas duas posições da consciência ligam-se por meio da crítica recíproca, não por meio de um compromisso.

Em sua dialética, Hegel decidiu que o divergente receberia o rótulo da contradição sob a sensação de identidade total entre sujeito-objeto. O não-idêntico não é acolhido como uma perspectiva, mas como parte da unidade que lhe impuseram, e assim, é constituída a contradição para a dialética. Hegel não assume o que é negativo, pois identidade e contradição se confundem. Adorno (2009, p. 13) pontua que "como aquela totalidade se constrói de acordo com a lógica, cujo núcleo é formado pelo princípio do terceiro excluído, tudo o que não se encaixa nesse princípio, tudo que é qualitativamente diverso, recebe a marca da contradição". No escólio doutrinal hegeliano, o objeto é alijado em nome da unissistematização da verdade.

Embora haja contradição na dialética hegeliana, este momento pode ser

considerado um instante, cuja troca possui uma relação submissa, tendo em vista o imperativo da unicidade que o absorve, somente há pensamento através de um momento identitário e quantitativo. Nesse sentido, "a contradição é o não-idêntico sob o aspecto da identidade; o primado do princípio de não-contradição na dialética mensura o heterogêneo a partir do pensamento da unidade" (Adorno, 2009, p. 13). A dialética calcula o heterogêneo por meio do princípio da identidade, sendo este o guia do pensamento positivo instituído por Kant e Hegel. Todavia, pensar não significa negar a identidade, mas desenraizar de sua própria constituição a ilusão do domínio total da realidade. Assim, "pensar significa identificar" (Adorno, 2009, p. 12-13).

O que transgrede a ordem conceitual sucumbe devido à negação de seus ditames, ou seja, o que o conceito não identifica é esquecido. Diante disso, a autonomia do objeto perece diante desta prescrição absoluta. O tribunal excelso da razão identificadora não permite qualquer transgressão ao seu código de conduta conceitual. No prisma dialético ideal, a contradição e sua totalidade limitam-se de tal forma que suas nuances são tragadas pela identificação. Seria temerário pensar a contradição ausente do cenário dogmático da identidade em Hegel. Ao se submeter à dialética o objeto aceita de forma inquestionável seus procedimentos e competências disciplinares, sacrifica, desse modo, suas virtualidades em nome do pertencimento ao reino da unidade. A estrutura identitária idealista empobrece a experiência ou qualquer direção que o espírito realiza sem o consentimento da identidade, "empobrecimento que escandaliza as opiniões razoáveis e sensatas, revela-se no mundo administrado como adequado à sua monotonia abstrata" (Adorno, 2009, p. 14). Com isso, o conhecimento do objeto se confunde ao conceituável pelo sujeito.

Essa cadência imposta pelas estruturas esquemáticas do sujeito segue o fluxo das agressões que suas sínteses produziram e qualquer concessão mesmo que de forma fragmentária, se submete ao sistema. Embora, na visão de Adorno (2009, p. 14) o antagonismo entre o sujeito e o objeto seja latente no processo de "ruptura intrínseco à consciência e inevitável ao sujeito", esta ruptura calculista (tese + antítese = síntese) invade aquilo que o sujeito pensa, inclusive o que é objetivo, e mesmo assim, "ela sempre acabaria na reconciliação" negativa. Esta (ir)reconciliação não necessita de um terceiro termo unificador para sanar a dicotomia sujeito-objeto, mas visa liberar "o não-idêntico, desprendendo-o por fim da compulsão intelectualizada" de sua exigência unitária e absoluta. O catalizador na dialética adorniana não é a exigência da síntese, mas sua negação constante.

A vivência do negativo e a expressão do não-idêntico pode-se encontrar nos escritos de Kafka, por exemplo, que denunciam a estrutura sufocante do mundo coisificante da modernidade. Com isso, para Sinnerbrink (2017, p. 142), "ela apresenta uma dialética sem *Aufhebung* (síntese), sem a subordinação da particularidade sensível à unidade de pensamento conceitual. A respeito de um pensamento negativo, não identitário, como o cubismo, pode ser considerado um modo antirrepresentacionalista de pensamento". Desse modo, a dialética idealista, na tentativa de aplacar ou dirimir às tensões entre sujeito-objeto, enaltece a posição do sujeito frente as discrepâncias que possam surgir a partir do objeto, e assim, sintetizar o processo dialético. No entanto, ao supervalorizar o sujeito, a dialética hegeliana promove a subordinação cega do objeto, esquecendo-se da multiplicidade de conhecimento que brota dele. Adorno defende a relação entre sujeito-objeto, onde possam conviver sem desprezar a identidade e a potência que cada um possui. Entretanto, o objeto assume a prioridade sem segregar ou limitar a

função do sujeito. Portanto, o sujeito cria, estabelece, institui, mas também é instituído pelo objeto, há uma relação autêntica que promove as potencialidades e trocas entre sujeito e objeto.

O objeto, para Adorno, é o que provoca e dinamiza a dialética, e não a obsessão pela ordem unitária. Hegel, na leitura adorniana, teria erguido uma dialética sob a pretensa ideia de "deixar a coisa livre", permitindo um diálogo que se propunha desprendido de esquemas, mas que, paradoxalmente, acabou por integrar o não-idêntico ao idêntico, consolidando um sistema onipotente e exclusivista, cuja missão é segregar tudo aquilo que ameaça a verdade racional. O particular e o não-conceitual permanecem, assim, encarcerados no calabouço da totalidade conceitual, figurando apenas como momentos instrumentais de sua estruturação. É nesse ponto que emerge o terceiro acorde da dialética negativa: a negatividade como impulso crítico, princípio vital que mantém a contradição em movimento e impede que o pensamento se converta em sistema fechado. Tal impulso, ao resistir às amarras do pensamento identificador, constitui o enaltecimento do não-classificável e do não-idêntico, instaurando um exercício de crítica imanente que pensa contra si mesmo e preserva a tensão entre o pensado e aquilo que escapa ao pensamento. A razão, nesse sentido, abre-se ao novo, desembaça suas lentes — antes ofuscadas pelo exclusivismo da identidade — e se movimenta em direção à dialética negativa. Conhecer, enquanto negação, consiste, então, em nunca se realizar plenamente, mas em resistir a todo momento homogeneizante.

Os múltiplos acordes sobre a dissidência de Adorno do paradigma dialético tradicional demonstram sua proposta constelar paratática. O cintilar das constelações de Adorno (2000, p. 06) atribui-se à conferência "A atualidade da filosofia", como mencionamos anteriormente, onde Adorno faz duras críticas ao dualismo (inteligível versus empírico) kantiano sob a inspiração do sistema platônico "cujo céu das ideias, contudo, permanece aberto ao espírito e irremovível", tal postura limitou a investigação filosófica ao recorte da pergunta conferindo a esta dados constatáveis "em que nada seria necessário a não ser a resposta". A filosofia sistemática se esquiva de sua natureza aporética em investigações nebulosas ou questões exauridas de sentido próprias das ciências. Todavia, a filosofia autêntica, segundo Adorno (2000), deve assumir caráter enigmático, no qual os conceitos são iluminados por diferentes combinações assemelhando-se a "constelações mutáveis", ou seja, chaves argumentativas interconectadas que acolhem àquilo que o sistema hegeliano segrega.

Exemplo dessa atmosfera asfixiante constata-se nos próprios escritos de Hegel particularmente quando ele se refere à África como um continente de segunda categoria. Essa visão indica que, conforme a lógica de Hegel, tudo que não se ajusta ao espírito absoluto é imediatamente descartado ou deve se emoldurar às suas categorias se quiser continuar no processo dialético. Este ponto de vista, evidenciado em trabalhos como "Lições sobre a Filosofia da História Universal" de 1837, evidencia uma perspectiva eurocêntrica e excludente, ao condenar as culturas africanas a um estágio de subdesenvolvimento espiritual, incapazes, segundo ele, de se engajar na concretização do espírito absoluto. Nas palavras do autor:

> A principal característica dos negros é que sua consciência não atingiu a intuição de qualquer objetividade fixa, como Deus, como leis, pelas quais o homem se encontraria com sua própria vontade, e onde ele teria uma ideia geral de sua essência. [...] O negro representa, como já foi dito, o homem natural,

> selvagem e indomável. Devemos nos livrar de toda reverência, de toda moralidade e de tudo o que chamamos de sentimento, para realmente compreendê-lo. Neles, nada evoca a ideia de caráter humano. [...] Entre os negros, os sentimentos morais são totalmente fracos – ou, para ser mais exato, inexistente. [...] Com isso, deixamos a África. Não vamos abordá-la posteriormente, pois ela não faz parte da história mundial; não tem nenhum movimento ou desenvolvimento para mostrar (Hegel, 1995, p. 84-88).

O que se percebe na citação consiste em conceber o conhecimento e seu conteúdo não como expressões livres do pensamento reflexivo, mas demonstram manipulação, poder e força do sujeito (branco) na tentativa constante de formatar o objeto (não-branco) às configurações ideais e conteudistas. Método e conteúdo são as ancoras do sistema filosófico tradicional que concebe a realidade como objeto amorfo pronta para modelar-se aos ditames racionalistas. O sistema idealista impetra no sujeito o ódio ao desconhecido. O que não for classificável ou aderente ao sistema deve ser esquecido ou sequer mencionado e essas são formas de extermínio.

Adorno faz uso do termo liberdade para exemplificar a limitação do conceito ao expressar o todo de seu objeto. Apesar do homem ser livre não consegue alcançar empiricamente a totalidade do conceito de liberdade. O conceito individualizado e identificador limita o campo de abrangência do objeto impedindo-o de expandir ou revelar-se para além do estipulado. O conceito ultrapassa a si mesmo, "contudo, é por sua vez mais do que aquilo que é predicado desse homem, tanto quanto todo homem, por meio de outras determinações, é mais do que o conceito de sua liberdade. Seu conceito não diz apenas que podemos aplicá-lo a todos os homens singulares definidos como livres" (Adorno, 2009, p. 131-132). O objeto não se revela por inteiro, haja vista a tirania subjetiva do conceito que o absolutiza tornando apenas o que é compreensível algo válido.

A dialética da identidade disseminou o "zelo paranoico de não tolerar nada senão ela mesma", isto é, nada "escapa à identidade do conceito", tudo converge "à organização excessiva, de modo que não se levante absolutamente nenhuma dúvida quanto à inatacável exaustividade, à completude e à exatidão do produto do pensamento" (Adorno, 2009, p. 27). O propósito da negação da "filosofia da identidade conservou sua força" como uma "metafísica desvairadamente sangrenta[4]", desse modo, "nada particular é verdadeiro, nenhum ente é ele mesmo tal como a sua particularidade o reivindica" (Adorno, 2009, p. 132). O princípio identificador aniquila a contradição por não a reconhecer como útil no processo dialético. A lâmina identitária hegeliana ceifa o que se destina a impossibilidade de falar, ao que não adere à sua doutrina.

Para Adorno, a manifestação do instituto de autoconservação próprio do animal encontra-se expressa de maneira latente no paradigma de identidade. Por uma questão de sobrevivência, a razão, camuflada pelo tecido conceitual identitário, nivela-se à fúria animal: "o sistema no qual o espírito soberano se imaginava transfigurado tem a sua história primordial no elemento pré-espiritual, na vida animal da espécie" (Adorno, 2009, p. 28). O sujeito, como uma fera faminta, espreita a oportunidade mais certeira para investir sobre sua presa – o objeto. O espírito absoluto é o próprio sujeito na condição de animal, justificando-se

[4] A elucidação do tradutor Guido de Almeida ajuda na compreensão do referido termo: "A expressão alemã '*Amok laufen'* designa o estado daquele que vaga enfurecidamente com uma arma na mão e atira em todos aqueles que atravessam seu caminho. Para resgatar o conteúdo significativo da expressão, optamos pela locução adjetiva "desvairadamente sangrenta" (N.T, 2009, p. 132).

racionalmente para o momento do bote.

Entretanto, é justamente a partir dessa denúncia do conceito como instrumento de dominação que se abre a possibilidade de um outro modo de pensar – um movimento que desloca o conceito de seu caráter predatório para uma forma de composição relacional. Aqui, ingressamos no quarto acorde da dialética negativa: a constelação como forma cognitiva e estética. A constelação, nesse sentido, revela o duplo sentido do conceito – simultaneamente necessário e insuficiente – e traduz a virada metodológica paratática de Adorno, na qual o pensamento não se impõe sobre o objeto, mas o circunda, o escuta, e o dispõe em múltiplas relações de sentido. Cada conceito, justaposto a outro, ganha espessura própria e reluz apenas na configuração que o acolhe; o conhecimento, então, emerge não da subsunção, mas da tessitura dinâmica que une e separa, que aproxima e tensiona – uma composição que torna o movimento da dialética tangível e sensível, em sua abertura ao não-idêntico.

Duplo sentido do conceito e a ideia de constelação

O objeto na percepção idealista se rendeu aos caprichos do sujeito pensante. A avidez deste último em dominar e manipular a natureza reduz o não-idêntico ao idêntico. A sede por dominação é tamanha que o idealismo confere ao sujeito poder ilimitado para desbravar e aprisionar o objeto. Nas palavras de Adorno (2009, p. 28): "O sistema é a barriga que se tornou espírito, a fúria é a marca registrada de todo e qualquer idealismo. A inexorabilidade sublime da lei moral foi talhada por essa fúria racionalizada contra o não-idêntico". Tudo deve circunscrever sob a fiscalização linguística do radar esquemático do sistema absoluto. Sua linguagem quase impenetrável servirá somente para os notáveis: "o cerne da crítica de Adorno parece ser a incapacidade de Hegel compreender a crise da linguagem filosófica e a maneira com que a linguagem só tira sua força da reflexão sobre sua própria crise" (Saflater, 2013, p. 58).

Em "Três estudos sobre Hegel" (2013), Adorno elabora análises mais nuançadas sobre este sistema que luta por não entender o que ele mesmo impõe no curso de seu próprio sistema. Adorno insiste no fato de que Hegel apesar de traçar um sistema como imperscrutável não foi capaz de perceber que "toda linguagem filosófica é uma linguagem contra a linguagem, marcada pelo estigma de sua própria impossibilidade", portanto, "a filosofia lida com o que não tem seu lugar em uma ordem previamente dada pelos pensamentos e objetos, como acreditava o racionalismo ingênuo" (Adorno, 2013, p. 189). Frente ao "olhar imobilizador" da reificação, Hegel produziu uma antifilosofia, intocável como um tabu, mas "se a filosofia pudesse ser de algum modo definida, ela seria o esforço para dizer aquilo sobre o que não se pode falar; expressar o não idêntico, apesar da expressão sempre identificá-lo" (Adorno, 2013, p. 190). A confusão discursiva e elíptica hegeliana pousa em si mesmo e encontra em Adorno sua crítica mais contundente.

O duplo sentido do conceito em harmonia com a ideia de constelação compõe os acordes que proporcionam fluência da metodologia paratática, cuja intenção consiste em antagonizar com a noção de conceito centrado em esquemas preestabelecidos. Diante disso, Adorno consagra dois aforismos – "Constelações e Constelações na Ciência" (2009) – para expressar os modelos constelatórios e sua construção (perene), tendo como cerne o agrupamento incerto e indeterminado de suas estrelas (conceitos e seus múltiplos sentidos). Ao adotar a noção constelar

Adorno procura distensionar a pretensão conceitual dos sistemas idealistas de abarcar a totalidade do real. Assim, é na bidimensionalidade conceitual do conceito que se alcança o não-conceitual. Diante disso,

> O conhecimento do objeto em sua constelação é o conhecimento do processo que ele acumula em si. Enquanto constelação, o pensamento teórico circunscreve o conceito que ele gostaria de abrir, esperando que ele salte, mais ou menos como os cadeados de cofres-fortes bem-guardados: não apenas por meio de uma única chave ou de um único número, mas de uma combinação numérica (Adorno, 2009, p. 142).

Embora a tradição exija que a filosofia para alcançar o nível de teoria seja necessário passar pelo crivo programático, isto é, por meio da realização conteudista. Ela restringe sua atividade a univocidade modelar. No entanto, Adorno defende uma filosofia constelar: "A exigência de ser vinculante sem sistema é a exigência por modelos de pensamento. Esses modelos não são de um tipo meramente monadológico. Pensar filosoficamente significa o mesmo que pensar em modelos" (Adorno, 2009, p. 32). Desse modo, a dialética negativa é composta por constelações de análises de modelos, sem a necessidade de uma realização que vise seu esgotamento.

Adorno propõe uma filosofia negativa que promova a autorreflexão-crítica por meio da justaposição conceitual. Contudo, para que haja constelações é necessário o desnudamento da filosofia de todas as categorias conceituais sistemáticas, assim haverá progresso, dinamicidade e renovação constante. O percurso musical dos acordes da dialética negativa se compõe no atrito e não devido à determinação de uma tese ou movimento autoritário, "por isso, a filosofia é essencialmente não-relatável. De outra forma, ela seria supérflua; o fato de ela se deixar na maioria das vezes relatar fala contra ela" (Adorno, 2009, p. 36-37). Portanto, a chave para os modelos constelatórios consiste na possibilidade de expressão do não-idêntico. Nesse sentido,

> As constelações só representam de fora aquilo que o conceito amputou no interior, o mais que ele quer ser tanto quanto ele não o pode ser. Na medida em que os conceitos se reúnem em torno da coisa a ser conhecida, eles determinam potencialmente seu interior, alcançam por meio do pensamento aquilo que o pensamento necessariamente extirpa de si (Adorno, 2009, p. 141).

A partir disso, pode-se salientar que o pensamento constelatório adorniano defende e faz justiça às singularidades do objeto mediante as diferenciações qualitativas. Nessa comunicação é necessário entender a linguagem não como abstrações estéreis, mas como movimento em direção ao desconhecido. Nessa perspectiva, o duplo sentido da linguagem não pode se reduzir àqueles que estão culturalmente inseridos na realidade do objeto em questão. Faz-se urgente, portanto, novos olhares ou ainda, deixar que o próprio objeto fale por si mesmo sem mediação, pois, há o risco iminente dessa intervenção infectar tais singularidades.

Diante disso, Pucci (2012) apresenta um modelo à luz do ensaio "Teoria da semiformação" (*Halbbildung*), de como Adorno utiliza-se da concepção paratática enquanto metodologia de pesquisa em filosofia, tendo em vista o duplo sentido do conceito e da ideia de constelação. Seja na composição sintagmática da dialética negativa ou na rejeição da tradição, a proposta metodológica paratática traduz a postura em superar o conceito, através do próprio conceito. A intenção desse

estudo consiste a partir dessa metodologia negativa proporcionar infindáveis variantes para não cair nas armadilhas sistêmicas identificadoras. Dessa forma, o duplo sentido do conceito, conforme Pucci, consiste no registro bidimensional do mesmo conceito, ou seja, os polos opostos colidem e vivem uma aventura à heterogeneidade. Com isso, "a dialética se garante enquanto permanente tensão entre o pensamento, que é abstrato, universal e a realidade, que é contraditória, antagônica; os dois lados do conceito são expostos e, simultaneamente, confrontados entre si na tentativa de pensar o que lhe escapa" (Pucci, 2012, p. 06).

Adorno entendia a filosofia como um processo contínuo de crítica e autocrítica, uma revisão constante de seus próprios pressupostos e métodos. Para ele, a filosofia não deveria se limitar a apresentar respostas fechadas ou definitivas, mas sim se manter aberta a questionamentos incessantes sobre si mesma e sobre o mundo. A crítica que se volta para si mesma é, portanto, autorreflexiva, e antes de ser totalizante, ela provoca um desconforto fundamental no filosofar.

Esse incômodo é essencial, pois impede que a filosofia se acomode em certezas e a mantém em movimento, sempre em busca de uma compreensão mais profunda e mais autêntica da realidade. Não defende a deposição e a instabilidade argumentativa racional, mas o que constitui como absoluto na razão. Porém, a análise da dialética negativa "tangencia as regras do pensar. O pensar não precisa deixar de se ater à sua própria legalidade; ele consegue pensar contra si mesmo, sem abdicar de si; se uma definição de dialética fosse possível, seria preciso sugerir uma desse gênero" (Adorno, 2009, p. 123). Portanto, duplicidade conceitual presente no conceito de formação (*Bildung*) ilustra um modelo da dialética negativa e Pucci lembra que "os modelos não são simples exemplos, não se limitam a ilustrar considerações gerais; ao mesmo tempo em que elucidam o que é a dialética negativa, dando-lhe densidade e substancialidade, eles continuam e complementam a exposição dos seus conceitos" (Pucci, 2012, p. 14).

Adorno no ensaio sobre o conceito de semiformação expressou a ideia de formação cultural, tendo forte ligação com a própria história alemã. Assim, "o termo formação cultural está intrinsecamente adjudicado com cultura (*Kultur*); são praticamente equivalentes. Só que, enquanto *Kultur* tende a se aproximar das realizações humanas objetivas, *Bildung* vincula-se mais às transformações decorrentes na esfera subjetiva" (Pucci; Ramos-de-Oliveira; Zuin, 1999, p. 56).

Na medida em que a ideia de formação funda a autonomia do espírito e promove também a adaptação ao contexto em que vive, Adorno o faz na perspectiva de Pucci negativamente denunciando a fetichização de um momento e/ou do outro. O choque entre os polos do conceito de formação cultural seja na efervescência e investimento da burguesia em bens culturais, intelectuais, avanços científicos ou no momento da adaptação e integração conduziram o homem à dois caminhos, onde ele pode fazer uso de todos os aparatos tecnológicos ou "tem de ser um crítico de seus dias, problematizar-lhes as injustiças existentes, não se deixar dominar pelo coletivo" (Pucci, 2012, p. 15). Apesar dessa verificação, "por inúmeros canais, se fornecem às massas, bens de formação cultural. Neutralizados e petrificados, no entanto, ajudam a manter no devido lugar aqueles para os quais nada existe de muito elevado ou caro" (Adorno, 2005, p. 03).

O conceito de *Halbbildung* não significa o começo cultural ou uma vivência mal compreendida e experimentada da formação, mas sim barreiras que bloqueiam o anseio de formação; ludibria sorrateiramente com uma imagem distorcida do que poderia ser a *Bildung*. A semiformação obstaculiza o percurso à formação. A *Halbbildung* realiza sua metástase e infecta a centelha espiritual que

persiste em conquistar a formação com substâncias tóxicas adoecendo qualquer possibilidade de reflexão e análise. Todavia, Pucci (2012, p. 21) adverte para o fato de que mesmo sabendo que o ato de autorrefletir é "insuficiente para transmutar a realidade da semiformação, contudo é o pensar um dos instrumentos fundamentais que o indivíduo ainda tem em mãos para reagir, resistir e participar. Ele deve ir contra si mesmo no sentido de se superar e resgatar o que foi reprimido, sufocado nele". Assim, pensar conceitos em constelação significa possibilitar ramificações nas múltiplas áreas do conhecimento.

Sem precipitação de movimento, o método paratático transgrediu a rítmica tradicional e promoveu o desnudamento do conceito por meio do próprio conceito. Através da justaposição antitética e da irreconciliação entre conceito e imanência potencializou-se o pensamento em um arranjo dinâmico e proporcionou espaço à autorreflexão crítica. Dessa forma, as ações emancipadoras visaram resgatar o não-idêntico, isto é, sentimentos que são negligenciados pela estrutura identificadora como o medo, o choro, a tristeza. O encontro entre filosofia e literatura tendo a metodologia paratática como norte desempenhou papel relevante no processo de proteção, conquista e aquisição de atitudes que ressensibilizem os envolvidos para impedir a perpetuação de rótulos que os enquadrem, por exemplo, nos padrões de beleza ou de masculinidade. Portanto, para resgatar os fundamentos formativos (a emancipação, a criatividade, a sensibilidade, a análise crítica) que foram progressivamente contaminados pela semicultura fez-se necessário a utilização de uma práxis filosófico-literária que tencionasse os paradigmas existentes transgressivamente.

Metodologia paratática e a literatura como expressão do não-conceitual

O voo não identitário na dialética hegeliana é rasteiro, pois o pensamento não permite que a coisa se distancie de sua aerodinâmica identificadora. Assim "como outros sistemas fechados de pensamento, a filosofia de Hegel experimenta a dúbia vantagem de não permitir nenhum tipo de crítica" (Adorno, 2013, p. 72). O idealismo absoluto flecha tudo que escapa de seu globo ocular. Não se permite tangenciar outras perspectivas, caso o faça será para satisfazer a vontade de seu preceptor. O objeto é compreendido pelo sujeito do conhecimento somente naquilo que subjetivamente é alcançável.

A limitação da linguagem perpassa toda a história da filosofia devido não corresponder a integralidade das coisas mesmas. Adorno defende uma filosofia não-conceitual. Pensar é transgredir a própria lógica do pensamento. A contradição é o motor do pensamento. Vladimir Saflater (2013, p. 16) pontua que "toda a dialética verdadeiramente consequente só pode ser uma dialética negativa, o que nos obriga a entender melhor o que 'negativo' pode realmente significar neste contexto". O pensamento deve quebrar a ilusão de que pode dominar a realidade em sua inteireza. A filosofia desde a sua gênese deixou-se amoldurar por conceitos. O encarceramento idealista em prol da instituição do saber verdadeiro tornou o exercício filosófico algo mecânico e predeterminado, refém de hipóstases cristalizadas, cujo não-conceitual limita-se ao conceitual.

A filosofia e seu método durante a história estabeleceram uma postura estritamente conceitual-discursiva. Na visão de Adorno (2009, p. 25), a dialética negativa, através da autorreflexão crítica, possibilita a realização da filosofia e seu distanciamento das verdades ortodoxas, pois "pensar é, já em si, antes de todo e qualquer conteúdo particular, negar, é resistir ao que lhe é imposto", pensar

consiste em rebelar-se contra a ambição de que todo aspecto imediato deve render-se aos mandos do pensamento sistemático. Por isso que ao assumir essa atitude transgressiva do pensamento é necessário cautela devido ao risco de ser um movimento infalso, isto é, pode ser apenas uma armadilha que conduza à ordem estabelecida de forma acrítica que nutre a sociedade administrada. Isso pode ser demonstrado na utilização de metodologias ou ferramentas para tornar a aula mais atrativa, todavia instrumentos didáticos sem planejamento crítico de suas consequências podem provocar apenas uma reação momentânea que não ultrapassa o meramente lúdico.

Dessa forma, a autorreflexão crítica que Adorno propõe não se limita a um exercício abstrato do pensamento, mas reivindica uma práxis estética do pensar, capaz de desestabilizar as estruturas rígidas que sustentam a lógica da identidade. Pensar contra o pensamento – como gesto de resistência – exige, portanto, modos de expressão que não reproduzam a linearidade discursiva herdada da tradição metafísica. É nesse horizonte que a literatura e as coreografias de aprendizagem transgressivas (teatro, performances, aula de campo, projetos) se apresentam como espaços privilegiados para a concretização da metodologia paratática adorniana. Nelas, o conhecimento não se desenvolve pela dedução ou pela sistematização conceitual, mas pelo atrito entre formas, tempos e sensibilidades, instaurando um campo de experiência em que o conceito se abre ao não-conceitual. A escrita literária e o gesto pedagógico insurgente tornam-se, assim, figurações concretas da parataxe, em que a razão e a sensibilidade se justapõem sem hierarquia, permitindo que o pensamento respire entre as frestas do sistema e reencontre sua dimensão criadora.

Entende-se por parataxe a sequência de pensamentos justapostos sem a presença de conjunções coordenadas, sem elo entre as palavras, fluência luminosa. Parataxe é a justaposição de frases independentes. De tal modo que, o método paratático ocorre a partir do atrito de conceitos com o não-conceitual constitui a dialética negativa. Percebe-se essa cadência aleatória nas tonalidades dos acordes paratáticos na própria dialética negativa: idêntico/não-idêntico // sistema/antissistema // razão/barbárie // ordem/caos // alienação/racionalidade // sujeito/objeto // razão/emoção. Pode ser compreendido como no pensamento enciclopédico de D'Alembert, "no pensamento enquanto enciclopédia, algo racionalmente organizado, e não obstante descontínuo, assistemático e mais espontâneo, exprime o espírito autocrítico da razão. Esse representa aquilo que escapou da filosofia, [...] a experiência do mundo", na qual se apresenta como vivência real dialética, curando as feridas que o espírito absoluto proporcionou à história (Adorno, 2009, p. 33). Com isso, o parataxismo possibilita o encontro com outras formas de saber que ultrapassam as instruções de identificação dos sistemas idealistas.

Os frankfurtianos combateram o pensamento absoluto dos românticos do século XIX que possuíam como pressuposto fundamental a ideia de síntese entre sujeito e objeto. O cosmos (antítese) era limitado às impressões do sujeito detentor da tese, no entanto para Adorno Natureza e homem constituem relações antagônicas. Não há reconciliação em Adorno, pois qualquer tentativa de reconciliar a razão absoluta com a Natureza ou algo que seja divergente das categorias racionais terá suas propriedades solapadas. Dessa forma, a filosofia corre o risco ainda de ser fundamento justificador atribuindo sentido racional às catástrofes do século XX. Neste cenário, a dor e o sofrimento físico assumem papel relevante. Assim, "não se reduzem a um postulado ético ou moral de que é

injustificado causar dor e sofrimento. Antes disso, tornam-se o limite onde explode o conceito. Ou seja, a dor não pode ser representada, não pode ser subsumida em um sistema que lhe atribua um sentido" (Perius, 2008, p. 126).

Em Adorno a relação epistemológica na dialética não se funda de maneira inerte e definitiva devido seu elã negativo não exaurir a coisa em pressupostos conceitos preestabelecidos. Ao criticar Hegel, Adorno denuncia que ele devota toda atenção ao conceito e ao espírito esquecendo-se da matéria, e com isso, subjuga a não-identidade a identidade, o particular ao universal. A dialética hegeliana afasta-se das contradições e procura superá-las na reformulação da síntese, sendo que o caminho e suas pegadas residuais servem como orientação na busca da verdade e na composição do conceito. Já na perspectiva do frankfurtiano há certa despreocupação em estabelecer um método, ele defende uma dialética sem síntese, sem combinação, sem expectativa de resultado, cujo movimento se constitui paradoxalmente. A contradição "qualifica a filosofia como dialética", sendo que "o trabalho da autorreflexão filosófica consiste em destrinçar tal paradoxo. A utopia do conhecimento seria abrir o não-conceitual com conceitos, sem equipará-lo a esses conceitos" (Adorno, 2009, p. 16-17). A decomposição do objeto nas nuances do sujeito compõe a sinfonia radical do sistema antirreflexivo, pois, seu "esforço imperturbável" subtrai "a consciência crítica que a razão tem de si mesma com a experiência crítica dos objetos" para assim supor arbitrariamente suas concepções dialéticas (Adorno, 2013, p. 81).

Ao negar as categorias somáticas e oportunizar ao objeto espaço sem limitações, o pensamento liberta-se de sua posição servil. De acordo com Adorno somente "por meio da passagem para o primado do objeto, a dialética torna-se materialista" (Adorno, 2009, p. 165). A postura idealista espiritualiza a corporeidade do objeto transformando-o em instrumento do saber e com isso, elimina sua própria identidade, isto é, ele se dissolve nas categorias do sujeito. Na dialética positiva de Hegel nas palavras de Adorno: "No objeto, elaborado e transformado em objeto do conhecimento, o elemento corporal é antecipadamente espiritualizado. A categoria da não-identidade obedece ainda ao critério da identidade" (Adorno, 2009, p. 165). Contudo, a relação conflitante e a desconfiança entre sujeito idêntico e objeto não-idêntico é o combustível da dialética negativa. Objeto e sujeito são cumplices, rivais e amantes, por isso, um não pode querer determinar o outro de maneira absoluta.

Diante disso, a literatura se encontra com os acordes da dialética negativa no percurso metodológico do ensino de filosofia para refletir e compreender sobre os mecanismos reprodutores da barbárie. Os textos literários não possuem caráter ornamental, mas auxiliam na composição de experiências de pensamento, cujo objetivo consiste em dilatar a didática do ensino de filosofia. Não se deve pensar a literatura não como um verniz, mas como possibilidade de criar cenários e de imaginar. Nesse sentido, pensar a literatura consiste em alimentar o desenvolvimento de uma civilização humanizadora. Segundo sociólogo e crítico literário brasileiro Antonio Candido (2011, p. 182):

> [...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante.

A literatura assume seu papel na elaboração de formas que absorvem a realidade, para assim, conceber mudanças que não pairam sob a esterilidade de ações apressadas, mas têm como fundamento a teoria amparada pela autocrítica. Desse modo, o caráter humanizador que o ensino filosófico-literário proporciona não consiste em um processo de instrumentalização do saber ou em aprender técnicas e estruturas estilísticas. Portanto, o diálogo entre a literatura e os acordes paratáticos liberam a imaginação da esteira racional engessadora para possibilitar momentos emancipadores.

Perante isso, a condução da metodologia paratática possibilita encontro entre filosofia e literatura, com o fracasso dos sistemas idealistas, Adorno questiona sobre o exercício da autorreflexão crítica, pois "somente uma filosofia que se liberte de sua ingenuidade merece continuar sendo pensada. No entanto, sua autorreflexão crítica não deve se deter diante dos ápices de sua história" (Adorno, 2009, p. 12). Por conseguinte, Hegel restringiu a realidade à sua noção absoluta. Adorno diz que devido às determinações impostas pelo "conhecimento positivo da natureza" o espírito condiciona-se em "compreender aquilo que é predominante" (Adorno, 2009, p. 12). Assim, a doutrina do espírito absoluto de Hegel[5] incutiu na filosofia a arrogância em dominar a totalidade tornando-a objeto maleável, isto é, conferindo a filosofia a estranheza de si mesmo por ser agora ilimitada, podendo compactar o real de forma monocromática.

Na tradição ruminada por Hegel, além de tudo que é real ser reduzido a algoritmos, o sujeito moderno é rigorosamente senhor e objeto da reflexão, todavia para Adorno é necessário que o objeto assuma *status* de sujeito. A reconciliação possibilitaria a abertura a pluralidade do diferente, do estranho, e com isso,

> a dialética não teria mais poder algum. Reconciliação seria então a meditação sobre a multiplicidade que não se mostraria mais como hostil, algo como um anátema para a razão subjetiva. A dialética serve à reconciliação. Esta desmonta o caráter da compulsão lógica à qual a dialética obedece; por isso, é acusada de panlogismo. Em sua forma idealista, ela era articulada com a predominância do sujeito absoluto como a força que produz negativamente todo movimento do conceito e o seu caminho no conjunto (Adorno, 2009, p. 14).

Adorno evita o conflito que Hegel se propôs com sua fórmula tese + antítese = síntese, onde este movimento circular e sua disputa entre sujeito-objeto eleva e centraliza a posição do sujeito no confronto. A conciliação proposta pelo "Pássaro de Minerva" é titânica, agressiva e tendenciosa. A relação verticaliza-se, o objeto reduz-se às medidas e critérios do sujeito. A reciprocidade entre sujeito-objeto não passou de uma panfletagem publicitária para seduzir e apaziguar as singularidades

[5] A filosofia de Hegel pretendeu ser a expressão absoluta da filosofia e símbolo definitivo da sabedoria. A filosofia ocidental é devedora desse sistema, porém esse legado se tornou signo da morte por negligenciar individualidade em detrimento de um despontar idealista delirante e totalizador da história. Nas palavras de Hegel: "Para dizermos algo mais sobre a pretensão de se ensinar como deve ser o mundo, acrescentaremos que a filosofia cega sempre muito tarde. Como pensamento do mundo, só aparece quando a realidade efetuou e completou o processo da sua formação. O que o conceito ensina mostra-o a história com a mesma necessidade: é na maturidade dos seres que o ideal se ergue em face do real, e depois de ter apreendido, o mundo na sua substância reconstrói-o na forma de um império de ideias. *Quando a filosofia chega com a sua luz crepuscular a um mundo já a anoitecer, é quando uma manifestação de vida está prestes a findar.* Não vem a filosofia para a rejuvenescer, mas apenas reconhecê-la. Quando as sombras da noite começaram a cair é que levanta voo o pássaro de Minerva" (Hegel, 1997, p. 39, grifo nosso).

do objeto ao princípio da identidade. Para Adorno a dialética de Hegel beatifica o sujeito e permite que empreenda a totalização do mundo através de categorias conceituais. Diante disso, mudança e contradição não possuem lugar na dialética hegeliana. O que não se enquadra ao idêntico debilita o progresso à síntese.

O paradigma da identidade coíbe as características do objeto, cuja relação tem como pressuposto o abandono de si mesmo. Nesse sentido, pode-se aludir à relação verticalizadora entre professor (sujeito) e os estudantes (objetos), tendo em vista a estrutura identificadora que o docente impõe às atividades escolares, os discentes se veem obrigados a seguir os ditames estabelecidos. Ademais, um exemplo desse enclausuramento aos preceitos do sujeito nota-se no ritmo que o professor dita em aula instituindo livros paradidáticos previamente escolhidos sem dar chance a criatividade ou as preferências dos estudantes. Percebe-se a força do modelo identificador nos rígidos processos avaliativos, baseados no que o professor determina como conteúdo.

No entanto, a individualidade para Adorno não pode ser preservada como um elemento manuseável, mas sim construída "na experiência do não-eu no outro" (Adorno, 2006, p. 154). Enxergar-se no outro enquanto indivíduo aberto às mudanças e não se impor ao outro com formulações engessadas e moralizadoras tem por objetivo oferecer uma educação contra a massificação. Adorno compreende que "uma educação sem indivíduos é opressiva, repressiva", porém se não houver respeito a subjetividade de cada ser, isto é, educar "da mesma maneira que cultivamos plantas que regamos com água" e, com isso, desejar uma educação heterogênea e personalizada, então esse modelo tem algo de ilusório (Adorno, 2006, p. 154). Portanto, é necessária uma metodologia que reacenda as potencialidades do estudante, suas capacidades de argumentar e de refletir. Para isso, a contribuição de textos literários transgressores[6] contribui no processo formativo de autoemancipação.

O ensino de filosofia encontra na literatura uma aliada para desestabilizar narrações que estimulam a perpetuação de estigmas e preconceitos no espaço escolar. Através de recursos como figuras de linguagem, cenários e personagens que embora ficcionais oportunizam aos envolvidos na leitura outras experiências que ultrapassam as determinações do livro didático. Desse modo, "manuais não ensinam debates críticos, nem a debater interpretações. Por sua exigência de totalização, tendem à homogeneização, priorizando classificações, descrições e simplificações" (Ginzburg, 2012, p. 213). Com isso, o diálogo com a literatura pode despertar novas perspectivas diante das temáticas filosóficas, podendo auxiliar no desenvolvimento das capacidades de leitura, interpretação e criticidade.

A literatura na metodologia paratática não assume papel de coadjuvante ou de mero instrumento filosófico. Por isso que, no movimento dialético adorniano a tensão e o respeito às singularidades constituem o motor para a criação de suas constelações. Ou seja, ao assumir a posição de sujeito do saber, a filosofia nos moldes idealistas enquadrou as diversas áreas do conhecimento nas teias identificadoras. No entanto, no movimento negativo o objeto, a literatura, dialoga

[6] Textos literários de caráter transgressor, como *A metamorfose* (1997) ou *Carta ao pai* (1997), de Franz Kafka; *O morro dos ventos uivantes* (1971), de Emily Brontë; e *Feliz ano novo* (1975), de Rubem Fonseca, configuram-se como obras potentes para o processo de ressensibilização e para a vivência de outros cenários imaginativos. Essas narrativas, ao tensionarem os limites da linguagem, da moral e das convenções sociais, provocam no leitor uma experiência estética e afetiva que desestabiliza certezas e amplia a percepção sobre o humano, contribuindo para uma formação ética e crítica que ultrapassa os modelos tradicionais de leitura e ensino.

com a filosofia, mas não adere às normas reconciliáveis subjetivas. Assim, nesse encontro, cujas trocas são horizontais, o sujeito (filosofia) e o objeto (literatura) detêm suas individualidades, proporcionando um ao outro experiências de pensamento e exercícios de imaginação.

Considerações finais: expressões da dialética negativa na sala de aula

Pensar a sala de aula a partir da dialética negativa implica reconhecer o espaço educativo como campo de tensão e não de conciliação. Adorno (2009) nos alerta de que toda tentativa de síntese encerra o movimento do pensamento, convertendo o conhecimento em dogma e rejeitando o contraditório da relação. Assim, ao recusar a síntese como resultado do processo dialético, ele desmantela o ideal de reconciliação entre sujeito e objeto que sustentou a tradição filosófica hegeliana. Para Adorno, o próprio termo "processo" já carrega a sombra do progresso – e, portanto, do perigo. A história demonstrou que o projeto iluminista, ao perseguir a razão absoluta, desembocou no horror de *Auschwitz*: a síntese total da barbárie. A dialética negativa, nesse sentido, não visa superar as contradições, mas habitá-las criticamente, como forma de resistência à reconciliação forçada e à repetição da catástrofe.

No contexto educativo, essa postura exige uma ruptura com as formas tradicionais de ensino que privilegiam o domínio conceitual em detrimento da experiência estética e sensível. O ensino de filosofia, inspirado pela dialética negativa, não busca transmitir um conteúdo fechado, mas provocar o pensamento. Isso significa instaurar na sala de aula um ambiente de conflito produtivo entre conceitos e experiências, entre teoria e vida, entre razão e sensibilidade. A literatura, especialmente em suas expressões de caráter ultrarrealista, surge como mediação privilegiada dessa relação. Seu poder de desestabilizar o real, de tensionar a linguagem e de abrir espaços para o não-idêntico, permite ao estudante experimentar o pensamento como gesto estético, não como assimilação sistemática.

A metodologia paratática, conforme delineada por Adorno, constitui-se nesse entrelaçamento de formas heterogêneas. Em vez de buscar a continuidade sintética, aposta na justaposição de fragmentos, imagens, sons e palavras que não se subordinam a um eixo central. Na prática pedagógica, isso significa criar constelações de sentido: encontros entre textos filosóficos e literários, entre obras de arte e situações concretas do cotidiano escolar. Cada fragmento resiste à totalização, mantendo vivo o movimento do pensar. A parataxe, nesse horizonte, torna-se um método de emancipação – não porque oferece respostas, mas porque devolve à experiência o direito à incerteza e à imaginação.

O ensino de filosofia, ao dialogar com a literatura, pode, assim, instaurar uma pedagogia da sensibilidade e da empatia transgressiva, em que solidariedade não se confunde com conformismo, mas com abertura ao outro e à diferença. A literatura ultrarrealista, ao revelar o excesso da vida e o sofrimento dos corpos, amplia o campo de percepção dos estudantes e favorece a formação de um sujeito capaz de se afetar e de refletir criticamente sobre o mundo. O professor, nesse cenário, deixa de ser o portador da verdade para tornar-se um mediador de experiências, aquele que fomenta o atrito entre saberes e sensibilidades.

Quando falamos em empatia transgressiva, no horizonte da dialética negativa de adorniana, consiste em uma forma de relação pedagógica que recusa a harmonia artificial entre professor e estudante, substituindo-a por um vínculo

crítico e sensível fundado na tensão e na escuta. Diferente da empatia conciliadora, que busca adaptar o outro ao próprio ponto de vista, a empatia transgressiva reconhece a alteridade como força desestabilizadora do pensamento e, por isso, permite que o professor também seja afetado e transformado pelo encontro educativo. Trata-se de um gesto dialético em que o conflito, o estranhamento e o dissenso são compreendidos como experiências formativas. Na prática, manifesta-se quando o professor acolhe as contradições dos estudantes sem reduzi-las a conceitos pré-determinados, promovendo espaços de diálogo em que o saber emerge do atrito entre razão e sensibilidade, teoria e experiência, conceito e dor. Assim, o ato educativo torna-se uma experiência estética de co-formação crítica, em que ambos – professor e estudante – aprendem a pensar contra o pensamento, abrindo-se ao não-idêntico e às possibilidades emancipadoras do aprender.

A dialética negativa na educação, portanto, não busca resultados, nem progresso linear, mas movimentos de reflexão e resistência. O conhecimento não se soma nem se subtrai – ele se transforma no instante em que o sujeito se confronta com o não-idêntico, com aquilo que o excede. Pensar, nesse sentido, é aprender a suportar o inacabamento, o intervalo, o silêncio. Ao recusar a síntese, o ensino filosófico-literário abre-se ao fluxo vital da alteridade, instaurando na escola uma experiência de pensamento que não visa dominar o real, mas habitá-lo poeticamente. Essa talvez seja a tarefa mais urgente e humana de toda educação: manter viva a chama da crítica em meio às ruínas da razão totalitária.

Referências

ADORNO, Theodor W. **Três estudos sobre Hegel.** Tradução de Ulisses Razzante Vaccari. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

ADORNO, Theodor. **A atualidade da filosofia.** Tradução de Bruno Pucci e Newton Ramos de Oliveira. Piracicaba: UNIMEP. 2000.

ADORNO, Theodor. **Dialética negativa**. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. 4ª ed. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

ADORNO, Theodor. Notas Marginais sobre Teoria e Práxis. In: **Palavras e sinais**: modelos críticos 2. Trad. Maria Helena Ruschel. Petrópolis: Vozes, 1995.

ADORNO, Theodor. Notas Marginais sobre Teoria e Práxis. In: **Palavras e sinais**: modelos críticos 2. Tradução de Maria Helena Ruschel. Petrópolis: Vozes, 1995a.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BRONTË, Emily. **O morro dos ventos uivantes.** Tradução de Rachel de Queiroz. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1971.

FONSECA, Rubem. **Feliz ano novo.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1975.

GINZBURG, Jaime. **Crítica em tempos de violência.** São Paulo: EdUSP, FAPESP, 2012

HEGEL, G. W. F. **Lições sobre a filosofia da história universal.** Tradução de Paulo

Meneses. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1995.

HEGEL, G.W.F. **A Fenomenologia do Espírito.** Tradução de Henrique Cláudio de Lima Vaz. São Paulo: Ed. Abril, 1974. (Coleção Os Pensadores).

HEGEL, G.W.F. **Fenomenologia do espírito.** Tradução de Paulo Meneses e José Nogueira Machado. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999. Parte II.

HEGEL, G.W.F. **Fenomenologia do espírito.** Tradução de Paulo Meneses e Karl-Hetnz Efken. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1992. Parte I.

KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

KAFKA, Franz. **Carta ao pai**. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

LEOPOLDO E SILVA, F. Conhecimento e razão instrumental. In: **Psicologia USP**, São Paulo, v.8, n.1, p. 11-31, 1997. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65641997000100002. Acesso em: 25 de jul. de 2018.

PERIUS, Oneide. **Esclarecimento e dialética negativa:** sobre a negatividade do conceito em Theodor W. Adorno. Passo Fundo: Instituto Superior de Filosofia Berthier, 2008.

PUCCI, Bruno. Dialética negativa enquanto metodologia de pesquisa em educação: atualidades. In: **Revista e-curriculum**, São Paulo, v. 8 n. 1. Abril 2012 Disponível em: http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum. Acesso em 02 jan. 2018.

Pucci; Ramos-de-Oliveira; Zuin, 1999, p. 56).

RUSH, Fred. As bases conceituais da primeira teoria crítica. In: _____. (Org.) **Teoria crítica**. Tradução de Breatriz Katnsk e Regina Andrés Rebollo. Aparecida: Ideias & Letras, 2008

RUSH, Fred. **Teoria crítica.** Tradução de Beatriz Katinsky e Regina Andrés Rebollo. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2008.

SAFATLE, Vladimir. Prefácio. In: **Três estudos sobre Hegel.** Tradução de Ulisses Razzante Vaccari. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

SINNERBRINK, Robert. **Hegelianismo.** Tradução de Fábio Creder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

THOMSON, Alex. **Compreender Adorno**. Trad. de Rogério Bettoni. Petrópolis: Vozes, 2010.

Recebido em: 10/2025
Aprovado em: 06/2026